

Contraste entre Babel e Abrão: do “façamos” ao “Eu farei” (Gênesis 11 e 12)

Raimundo Barreto
Garanhuns, PE, janeiro de 2026

Na literatura bíblica, o **PRINCÍPIO DO CONTRASTE** é central da escrita hebraica: verdades são reveladas colocando lado a lado caminhos opostos, pessoas opostas e resultados opostos. Em vez de explicar conceitos de forma abstrata, o texto hebraico mostra na prática a diferença entre orgulho e fé, rebelião e obediência, maldição e bênção, como se vê no contraste entre a união arrogante de Babel em **Gênesis 11** (“façamos nome para nós”) e a resposta graciosa de Deus a Abraão em **Gênesis 12** (“Eu farei de ti uma grande nação”). Esse método não apenas comunica informação; ele provoca o leitor a comparar, discernir e escolher, fazendo da própria estrutura narrativa um convite à conversão de cosmovisão.

Pesquisas em ciência cognitiva mostram que o raciocínio analógico e comparativo é central para como o ser humano aprende conceitos e resolve problemas. Estudos indicam que comparar situações semelhantes ou opostas ajuda o cérebro a abstrair padrões e princípios gerais, o que torna o contraste uma ferramenta cognitiva poderosa.

Na poesia hebraica, o recurso básico não é rima, mas **PARALELISMO**, isto é, colocar duas ou mais linhas lado a lado, em relação de repetição, desenvolvimento ou contraste. Um tipo específico é o “**PARALELISMO ANTITÉTICO**”, quando a segunda linha contrasta com a primeira (justo x ímpio, sábio x tolo, obediente x rebelde), muito comum em Provérbios e Salmos.

O contraste não é só um enfeite de texto; é um jeito de falar que ajuda a destacar, gravar na memória e deixar bem claras as escolhas morais e doutrinárias em jogo. Ao colocar lado a lado caminhos opostos (por exemplo, “o caminho do justo” versus “o caminho do ímpio”, conforme vemos no **Salmos 1**), o texto força o leitor a **comparar e escolher**, explorando a tendência humana de entender pela oposição.

Não se pode dizer historicamente que os autores hebreus usaram contraste porque conheciam teorias de neurociência, mas o estilo hebraico se ajusta muito bem ao modo como a mente humana opera por comparação. Em outras palavras, o método do contraste e do paralelismo em hebraico bíblico é um uso literário intencional de algo que, hoje, a ciência reconhece como uma forma fundamental de processamento cognitivo: **pensar por analogia e contraste**.

Essas narrativas paralelas não são redundâncias, mas ferramentas retóricas hebraicas para ensinar doutrina, enfatizar escolhas morais e criar imersão, como no paralelismo poético. Elas ativam o processamento cognitivo por comparação, ajudando a fixar verdades eternas e tipologias (ex.: José prefigurando Jesus Cristo).

Gênesis 11 (a narrativa sobre o reino de Babel, com a Torre de Babel, ligada aos descendentes de Cão via Nimrode, neto de Cam) e **Gênesis 12** (chamado de Abraão, da linhagem de Sem) formam um contraste intencional e poderoso, típico da retórica hebraica, para opor rebelião humana à obediência e promessa divina. Essa justaposição destaca o fracasso coletivo da humanidade dispersa versus a eleição singular de Abraão como solução de Deus.

Em **Gênesis 10:8, 9**, o hebraico diz que **Ninrode** se tornou um “*gibbôr*” (גּבּוֹר), “poderoso”, e “poderoso caçador *liphnê YHWH*” (לִפְנֵי יְהָוָה). A expressão *liphnê YHWH* significa literalmente “diante do Senhor”, mas vários comentaristas notam que, em certos contextos, ela pode ter nuance de oposição: “na cara de Deus”, “**em desafio a Deus**”, isto é, em **afronta**. Alguns comentaristas apontam que seu nome é associado a raiz “**rebelião**” (*marad*), vendo Ninrode como símbolo de domínio tirânico e rebelião contra Deus. O entendimento é que “poderoso caçador” como “caçador de homens”, isto é, conquistador, tirano, “em oposição ao Senhor”, não como elogio.

Ninrode coaptava a mente das pessoas para se oporem a Deus. Ninrode lidera pessoas em um projeto coletivo de oposição a Deus. Isso o coloca como fundador de centros urbanos e de um sistema de poder que mais tarde são símbolos de orgulho e rebelião (Babel/Babilônia, Nínive). Ninrode era um arquétipo de tirano, “caçador de homens”, líder político-militar que reúne e dirige pessoas em um projeto contrário ao governo de Deus. As nações que de surgiram a partir de Cam, Cuxe e Ninrode sempre se opuseram à obra de Deus na Terra.

Em **2 Coríntios 10:5** Paulo fala da autoridade apostólica para desfazer esta obra maligna e babilônica na vida das pessoas: “*destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo*”.

A etimologia do nome hebraico para Ninrode (נִמְרוֹד – Nimrod) tem o sentido de: “rebelde” ou “o que se rebela”. Normalmente é derivado do verbo מָרַד (*marad*), “rebelar-se”, sendo entendido como “rebelde” ou “nós nos rebelaremos”, o que se encaixa bem com a tradição que o vê como figura de oposição a Deus ligada a Babel.

Torre de Babel (Gênesis 11:1-9): Os descendentes de Cão (Cam), especialmente via Cuxe e Nimrode (**10:8-10**), constroem uma “*torre cujo topo chegue até aos céus*” em Sinar para “*tornar célebre o nosso nome*” (**11:4**), unindo-se em rebeldia, orgulho e desafiando o mandato de espalhar-se por toda a Terra (**Gênesis 1:28; 9:1, 7; 12:3b**). Deus confunde as línguas e os dispersa, revertendo a unidade rebelde e iniciando a dispersão das nações.

Note que o propósito deles construírem a “*torre*”, “*cujo topo chegue aos céus*”, é uma linguagem associada, no contexto histórico, a **templos-torre** mesopotâmicos como Etemenanki, o grande **ZIGURATE** de Babilônia. O zigurate era parte de um complexo de templo, entendido como “*montanha divina*” e eixo entre o mundo dos deuses e o mundo humano; a própria Etemenanki é descrita em inscrições como “casa-cume do céu e da terra”.

O zigurate servia como local de culto e procissões rituais, onde sacerdotes realizavam cerimônias ligadas ao deus principal da cidade (em Babilônia, Marduque), reforçando a ideia de presença da divindade no centro urbano. Como construção monumental, o

zigurate projetava o poder do rei e da cidade, demonstrando riqueza, capacidade técnica e legitimidade política diante de outros povos. Essa função de “ligar céu e terra” e exibir glória humana ajuda a entender por que **Gênesis 11** apresenta a torre como um projeto de autoglorificação e controle religioso-político, em contraste com a revelação bíblica do Deus que desce soberanamente, não manipulado pela arquitetura humana.

Os zigurates eram centros de culto onde sacerdotes realizavam rituais, sacrifícios e formas de divinação (sonhos no templo, presságios, oráculos) para buscar resposta dos deuses sobre guerras, colheitas, saúde, etc. Sacerdotes babilônios observavam o céu sistematicamente, muitas vezes a partir de plataformas elevadas como zigurates, registrando movimentos de Lua, planetas e estrelas. Essa observação levou ao desenvolvimento de uma astronomia-astrologia integrada, que incluía constelações e, mais tarde, o esquema de 12 divisões da eclíptica que desemboca no **zodíaco babilônico**.

Chamado de Abraão (Gênesis 12:1-3): Imediatamente após, Deus chama Abrão (de Sem, **11:10-26**) para deixar sua terra, rumo ao desconhecido, prometendo abençoá-lo, fazer dele uma grande nação e, por meio dele, abençoar todas as famílias da terra. Abrão obedece em fé, contrastando com o medo e autossuficiência de Babel.

Contrastes principais

| Aspecto | Babel (desc. de Cão/Cam) | Abraão (desc. de Sem) |
|-----------|---|---|
| Unidade | Horizontal, humana, para glória própria | Vertical, com Deus, para bênção global |
| Motivação | Orgulho, medo da dispersão | Fé, obediência ao chamado divino |
| Resultado | Dispersão pela confusão | Nação abençoada, restauração das nações |
| Legado | Rebelião e julgamento | Promessa messiânica (semente) |

Essa narrativa paralela usa contraste para ensinar que a redenção vem não da humanidade unida em rebelião, mas da eleição soberana de Deus em uma linhagem fiel, prefigurando Cristo como bênção para todas as nações. Ela reforça o padrão cognitivo hebraico: comparar opositos para fixar lições eternas sobre soberania divina e escolha humana.

Babel representa o fracasso das nações em rebelião, espalhadas como juízo, mas Abraão inicia a linhagem redentora (semente de Sem), pela qual Deus abençoará o mundo, cumprido em Cristo. Essa antítese reforça a doutrina da eleição: redenção não vem da unidade humana, mas da graça soberana em um remanescente fiel.

A promessa a Abraão (**12:1-3**) contrasta radicalmente com a punição em Babel (**11:1-9**), invertendo dinâmicas de iniciativa, direção e escopo: onde Babel busca autogloria e recebe dispersão, Abraão recebe bênção soberana para restaurar as nações. Deus transforma julgamento em graça eletiva, destacando Sua soberania redentora.

| Elemento | Punição em Babel | Promessa a Abraão |
|----------------|---------------------------------|--|
| Iniciativa | Humana (“façamos para nós”) | Divina (“Eu farei”) |
| Glória | Própria (“nome para nós”) | De Deus (“farei grande o teu nome”) |
| Unidade | Rebelde, contra dispersão | Bênção global (“todas as famílias da terra”) |
| Resultado | Confusão, dispersão, frustração | Nação, terra, descendência, redenção |
| Visão temporal | Curto prazo, autossuficiência | Longo prazo, fé geracional |

Em Babel, a **hybris** coletiva leva à maldição da divisão linguística, frustrando planos humanos que desafiam o mandato divino de encher a terra. A promessa abrahâmica, por outro lado, é graça unilateral: sete “Eu farei” de Deus restauram unidade sob sua autoridade, com Abraão como canal de bênção universal, prefigurando o Evangelho.

As sete promessas detalhadas

| | Promessa (12:2-3, ARC) | Explicação Doutrinária |
|---|---|---|
| 1 | “Far-te-ei uma grande nação” | Transforma um idoso sem filhos em origem de um povo numeroso (Israel), invertendo esterilidade pós-Dilúvio. |
| 2 | “Abençoar-te-ei” | Bênçãos pessoais (riqueza, proteção), cumpridas em Gn 13:2 e vida longa, oposto à maldição de Babel. |
| 3 | “Engrandecerei o teu nome” | Fama eterna de Abraão como pai da fé, contrastando “façamos nome para nós” orgulhoso de Babel. |
| 4 | “Tu serás uma bênção” | Abraão como modelo e canal de bênçãos, não receptor passivo, chamando outros à fé. |
| 5 | “Abençoarei os que te abençoarem” | Proteção divina para aliados, soberania de Deus sobre nações, revertendo divisão de Babel. |
| 6 | “Amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” | Julgamento sobre inimigos, ecoando juízo de Babel mas direcionado à linhagem redentora. |
| 7 | “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” | Bênção messiânica universal (Gl 3:8), cumprida em Cristo, restaurando unidade sob Deus. |

A **Hybris** humana significa **orgulho excessivo**, desmedida ou **arrogância** que ultrapassa limites próprios do ser humano, buscando igualar-se ou desafiar o divino, comum na filosofia grega antiga e aplicada à Bíblia como rebelião pecaminosa. No contexto de Babel, representa a autodeificação coletiva que atrai julgamento divino.

Em **Gênesis 11:4**, o “façamos” reflete o coração *hybris*: humanos unificados constroem torre para “nome próprio”, rejeitando dispersão divina (**9:1**) e ecoando **Gênesis 3:5** (“sereis como deuses”). Doutrinariamente, alerta contra **soberba coletiva** (*ga'avah* hebraica, **Provérbios 16:18**), onde autossuficiência idolátrica leva a confusão linguística como freio providencial. *Hybris* opõe humildade à exaltação própria, mostrando que Deus resiste aos soberbos (**Tiago 4:6**), mas dá graça aos humildes, como Abraão em **Gênesis 12**. Na redenção, Cristo inverte *hybris* humana pela cruz, modelo de *kenosis* (esvaziamento, **Filipenses 2:5-8**).

Gênesis 11 e 12 colocam, lado a lado, dois projetos de humanidade que depois não se repetirão ao longo da Bíblia inteira: de um lado, a lógica de Babel/Babilônia; do outro, o caminho de Abraão e do Reino de Deus. Em Gênesis 11, a história da torre de Babel mostra uma humanidade que se junta para construir uma cidade e uma torre para “fazer um nome” para si e garantir segurança pela própria força. É a cultura que usa religião, técnica e poder político para se exaltar, querendo, de algum jeito, alcançar o céu por esforço humano. Isso antecipa tudo o que Babilônia vai simbolizar depois: um sistema que mistura idolatria, império e orgulho coletivo, sempre se colocando como alternativa ao governo de Deus.

Já em **Gênesis 12**, Deus não responde a Babel com outra torre, mas com um chamado. Em vez de um projeto de massa, Ele chama uma pessoa: Abraão. Enquanto Babel constrói para subir, Abraão ergue altares para Deus descer. Enquanto Babel tenta fazer um nome para si, Deus promete a Abraão: “Eu farei grande o teu nome” e, por meio de ti, abençoarei todas as famílias da terra.

Ao longo do Antigo Testamento, Babilônia vira muito mais que uma cidade: torna-se um símbolo de tudo o que se levanta contra o Senhor, uma espécie de “código” para um sistema de poder que seduz, opõe, idolatra e confia na própria força. Em contraste, a linhagem de Abraão, Israel, Jerusalém e, finalmente, o Reino de Deus, inaugurado por Jesus Cristo representam a cultura celestial: fé e obediência, aliança, justiça, misericórdia e a vocação de ser bênção para as nações.

No Novo Testamento, especialmente em Apocalipse, o contraste continua: “Babilônia” volta como figura de uma cultura global rica, sedutora, idólatra e perseguidora dos santos, enquanto a Nova Jerusalém representa a plenitude do governo de Deus que desce do céu.

No fundo, Gênesis 11 e 12 montam um cenário que atravessa a História: em cada geração, a humanidade é chamada a escolher entre o projeto de Babel - unidade sem Deus, glória própria, religião a serviço do ego - e o caminho de Abraão - caminhar pela fé, depender da promessa e se alinhar com o Reino de Deus.

www.RaiBarreto.com.br

contato@raibarreto.com.br

Instagram: [@raibarretosilva](https://www.instagram.com/raibarretosilva)